

Histórias de vida às margens do rio Paraná

Eduardo Romero de Oliveira*

RESUMO: Este texto apresenta alguns resultados da pesquisa histórica em 16 municípios sobre o povoamento das margens do Rio Paraná no século XX e o impacto do enchimento do lago da Usina Sérgio Mota. A pesquisa utilizou o método de coleta de histórias de vida, priorizada a entrevista com antigos moradores, trabalhadores na construção da usina e reassentados. As entrevistas permitiram recolher 210 depoimentos sobre: condições humanas de ocupação; o ambiente natural; vida cotidiana; práticas de trabalho rural; e memória do enchimento do lago da usina.

PALAVRAS-CHAVE: Povoamento; Rio Paraná; Oeste Paulista; Memória; História Oral.

ABSTRACT: This paper present some results of the historical research in 16 cites about the population settlement on the banks of the Parana river in the 20th century and the impacts of the creation of a lake in the Sérgio Mota dam. For the interview, we used the methodology of biography, preferably elder inhabitants of the region, dam construction workers and people resettled. The interviews colleted 210 performed according to: human conditions of occupation; the natural environment; ways of rural living; the working practices; and memories resulting from the water filling up of this lake.

KEY-WORDS: Settlement; Parana river, West of São Paulo State; Memory; Oral History.

1. Introdução

Este texto tem por objetivo apresentar alguns resultados da pesquisa histórica sobre o povoamento das margens do Rio Paraná no século XX. A pesquisa foi baseada essencialmente na coleta de histórias de vida dos moradores de 16 municípios às margens do Rio Paraná (tanto aqueles da margem do Estado de São Paulo quanto do Mato Grosso do Sul), em meados de 2006. E sua iniciativa foi decorrente dos trabalhos de resgate da memória das comunidades ribeirinhas, em função do impacto do enchimento do lago da Usina Sérgio Mota. Foram selecionadas de 10 a 30 pessoas de cada município (enquanto um número percentual em relação ao número de habitantes e de família afetadas em cada município pela construção da Usina). Foi priorizada a entrevista com antigos moradores, líderes de

* Professor Assistente Doutor da Universidade Estadual Paulista – Unesp / *campus* de Rosana. A pesquisa foi financiado pela CESP.

comunidade, trabalhadores na construção da usina (“barrageiros”) e reassentados (resultantes do enchimento do lago da usina).

Enquanto pressupostos teórico-metodológicos, consideramos os depoimentos como uma fonte histórica. De um lado, passível de ser submetida a crítica histórica (interna e externa). Considera-se atualmente que a produção do conhecimento histórico supõe um componente problemático (invenção, criação, construção, elemento ficcional). O fato não é uma realidade substancial, mas o historiador fabrica seu objeto (FEBVRE, 1977: 177). Eis aqui um dos traços epistemológico da operação historiográfica: a construção de objetos de pesquisa (CERTEAU, 2002: 81). E o testemunho oral, como outros tipos de fontes históricas, deverá ser reexaminado à luz de outras fontes, eventualmente posto de lado ou criticado (VOLDMAN, 1996: 247-265). No decorrer da pesquisa anterior pudemos levantar documentação textual e outros estudos que nos permitiram identificar um processo de povoamento e formação dos municípios das áreas ribeirinhas do Médio Rio Paraná. Além de podermos realizar a crítica externa da fonte oral, tornando-a um subsídio importante para o detalhamento deste processo. Por outro, uma fonte que pode também ser analisada enquanto uma narrativa memorialista, em que o individualmente declarado interage com a dimensão social (CAMARGO In: ALBERTI, 2004; MEIHY, 1996). A memória seria definida muito em função de conceber um universo mental que adquire substância social. Uma das particularidades desta concepção, distinguindo-a de outras dimensões mentais, é ter o passado como foco. Outra é ser uma prática, uma ação presente e recorrente (MONTENEGRO In: SIMSON, 1997: 200).

As entrevistas procuraram recolher depoimentos, primeiramente, sobre as condições humanas de ocupação da população ribeirinha e suas diversas relações com o ambiente natural. Em segundo lugar, atentaram sobre algumas formas de vida rural. Por terceiro, recolhemos relatos sobre práticas de trabalho rural e ofícios. E por quarto, os depoimentos

sobre as alterações decorrente do enchimento do lago da usina. Acabaram por serem entrevistadas 204 pessoas nestes dezesseis municípios, além de termos identificado uma documentação diversa sobre a comunidade (fotos, livretos, manuscritos). Um trabalho de pesquisa com técnicas de história oral que permitiu recolher alguns aspectos das comunidades, do ambiente natural e da memória do enchimento. Apesar de uma análise mais detalhada do material esteja ainda para ser feita, nosso propósito é apenas expor neste texto um panorama geral das informações e discursos memorialistas obtidos.

2. Condições humanas de colonização e relações com o ambiente natural.

Em primeiro lugar, as entrevistas com antigos moradores revelaram aspectos gerais da colonização das cidades. Os relatos coletados em Presidente Epitácio apresentaram esta ocupação da cidade em relação às atividades de transporte fluvial e terrestre. Os relatos de habitantes de Bataguassu informaram também os vínculos da formação da cidade com o transporte fluvial. Em Panorama, obtivemos informações sobre o processo de loteamento e ocupação dos lotes. Com particular destaque para a infra-estrutura da cidade (saúde, fornecimento de energia e escolas) e uma atividade esportiva que marca a localidade desde a década de 1960: a travessia a nado do rio Paraná. Em Ouro Verde, obtivemos informações não apenas sobre a ocupação da cidade, desde os anos 1950, mas sobre a colônia japonesa (atividades sociais, adequação da cultura) e que muito contribuiu para atividade agrícola no município.

Uma peculiaridade nos relatos orais coletados é que deveriam permitir um detalhamento da colonização e sua relação com o ambiente natural. O roteiro de entrevista previa um conjunto de questões relativas a este tópico. E as descrições obtidas ressaltaram não apenas a presença de mata densa, mas detalhes do desmatamento e uso do solo. Muitos entrevistados detalhavam os tipos de árvores encontradas na região, seja para aprofundar os comentários sobre o comércio de madeira (valor comercial, atividades de corte e transporte),

mas também na construção das casas (nas paredes divisórias, colunas de sustentação ou em telhados de tábuas de cedro). Há indicação de algumas espécies de animais silvestres encontrados, mas também do consumo de carne de caça – que se apresentou como um consumo comum em muitas famílias, paralelamente à criação e consumo de animais domésticos. Por um lado, obtivemos detalhes relativos ao rio Paraná, nos municípios ribeirinhos - tipos de árvores frequentes na beira do rio (como as figueiras), as praias formadas no período da seca, cor da água, pontos de pesca e de cultivo agrícola, traçado do rio antes do enchimento do lago da UHE, ilhas existentes e suas características. E por outro, informações sobre outros rios próximos que deságuam no Paraná – largura antes do enchimento do lago, peixes mais encontrados, pontos mais frequentados, tipos de animais mais vistos – a informação declarada foi muito mais precisa entre aqueles que tinham na pesca uma fonte regular de alimento ou renda..

3. Vida cotidiana: espaço e circulação, educação e lazer.

Era prevista pelo roteiro de entrevista a descrição das relações sociais dentro das comunidades ribeirinhas, que explorou detalhes sobre a espacialidade da ocupação humana, vias de circulação e atividades sociais, com perguntas específicas ao meio urbano e ao meio rural. Coletamos relatos que permitem recompor um pouco da ocupação da área urbana (pontos comerciais, serrarias, escolas, áreas de circulação de pessoas e animais, praças com atividade social), rural (pastagens de engorda, estradas para gado, estradas de transporte, localização das colônias, espaços comunitários) e fluvial (portos, ilhas com sítios, várzeas para plantação).

Também se procurou recuperar informações sobre as atividades sociais em cada comunidade. A declaração de participação em atividades comuns (festas religiosas, quermesses, bailes) mostrou-se mais frequente entre os moradores dos núcleos colonizadores (das cidades e colônias agrícolas) do que entre os moradores de sítios e fazendas. As

descrições do cotidiano dos sitiantes acabavam por privilegiar a rotina de trabalho. As dificuldades de deslocamento pelas estradas, a falta de meio de transporte próprio (seja cavalo, carro de boi ou automóvel), rotina de trabalho intensa ou falta de hábito familiar de visitar os outros eram os motivos mais declarados entre aqueles do segundo grupo. Mesmo o questionamento sobre a infância do entrevistado era com poucas referências a brinquedos e tendo como colegas de brincadeiras apenas os irmãos e irmãs.

Também foi possível recuperar informações relativas ao tema da educação na região. Por um lado, os relatos coletados permitem levantar informações de caráter estatístico sobre a população. Neste sentido, a formação escolar restringia-se quase sempre aos quatro anos da escola primária, nas poucas escolas do município – naqueles entrevistados, por exemplo, que tiveram sua infância nas décadas de 1950, nas comunidades estudadas. Por outro, foi possível recompor situações que duram duas décadas através da entrevista com pessoas de faixas etárias próximas e que freqüentaram escolas em períodos de tempos sequenciados (p. ex., 1949, 1955 e 1960 e 1964). É o caso de atividades cívicas como desfiles, fanfarras, hinos e declamatórias recorrentemente citados (e reproduzidos pelos entrevistados e fotos dos eventos) em escolas dos diferentes municípios. Há uma história das festas cívicas no oeste paulista (como o 1º de maio na região) e que poderia ser reconstituída em detalhes através das entrevistas realizadas.

O questionamento sobre as atividades de lazer permitiu identificar em detalhes práticas esportivas (natação no rio e futebol) que já possuem quatro décadas, quando não também aqueles esportes particulares a uma cultura imigrante (como o beisebol, nas colônias de imigrantes japoneses em Ouro Verde). Até mesmo o cinema era uma diversão presente em alguns dos municípios ribeirinhos. Além disso, seja em relatos de sitiantes seja de antigos moradores das cidades a opção de lazer mais citada é o baile. Algumas vezes com sanfoneiro outras com orquestras, e até com vitrola, os bailes era um evento social recorrente nas

lembranças até a década de 1970. No lugar da imagem da “festa junina caipira” (com sua comida e quadrilha), encontramos um relato de festas de devoção (a São João ou Santo Antonio), com leilão de prendas, bailes e brincadeiras. Dança e música era a principal diversão, que normalmente não exigia muitos recursos, para uma comunidade ribeirinha muitas vezes pobre.

4. Práticas de trabalho rural e ofícios nas comunidades.

Em muitas entrevistas realizadas, o tópico do trabalho tomou a maior parte do tempo. Para alguns, o relato concentrou-se no trabalho agrícola; para outros, na navegação – apenas para citar algumas das atividades mais expressivas.

Com relação ao trabalho com a terra, há diferentes tipos de relatos. Poderíamos separar alguns relatos em relação ao período de vida trabalhou na lavoura ou pecuária; isto é, entre aqueles entrevistados que durante os últimos 60 ou 80 anos cultivaram a terra e outros que, nos últimos 40 anos cresceram na área rural, participaram da atividade quando crianças e na adolescência, mas a abandonaram. No primeiro caso, há sempre em longa exposição do saber que detinha sobre a terra, o clima, os instrumentos, o ritmo de trabalho, as dificuldades econômicas enfrentadas; enquanto aqueles que nasceram e tiveram sua infância no campo, enfatizam comentários sobre as duras condições a que crianças eram submetidas desde cedo – contrastando com as atividades exercidas, na cidade, quando adulta. Há as diferenças econômicas, entre os que tinham um pequeno pedaço de terra e outros, fazendas; entre aqueles que eram donos, arrendatários ou colonos. E, por fim, há relatos de migrantes sobre dificuldades que a teriam motivado, escolha do local de destino, familiares que auxiliaram na mudança ou incentivaram a migração. No caso do imigrante (europeus ou japoneses), encontramos a menção de dificuldades de adaptação (clima e costumes), a manutenção de um ritmo de trabalho (rigoroso nas culturas orientais), conhecimento de tecnologia e a adequação de hábitos às condições locais. Enfim, muito haveria a considerar sobre este tema do trabalho

rural e seus desdobramentos dentro das entrevistas realizadas, seja para pesquisa da história econômica da região, história social ou história cultural – com vínculos para análises em economia, sociologia rural, história ambiental ou antropologia.

Outra vertente de relatos, ainda relativa ao tópico do trabalho, diz respeito à navegação. Observamos principalmente a existência de companhias de navegação que atuavam no rio Paraná desde o início do século XX. Inicialmente para o transporte de gado da margem matogrossense para a paulista – em torno do que é atualmente o município de Presidente Epitácio (SP). Nas décadas de 1920 a 40, amplia-se a navegação para fim de transporte de madeira – cortada cada vez mais de pontos distantes. Com a crescente abertura de vilarejos ao longo do Médio Paraná, depois dos anos 1940, a navegação intensificou-se, não apenas transportando madeira, quanto também pessoas e mantimentos. E não apenas na ocupação do oeste paulista, mas também no Paraná – consolidando uma rota que vai de Três Lagoas (MS) a Guairá (PR). Criaram-se então dezenas de portos fluviais ao longo desta rota, como pontos de embarque e desembarque de animais, pessoas, mercadorias e até caminhões – sem considerar aqueles portos improvisados, para retirada da madeira cortada próxima à margem ou de gado de fazenda. Portanto, os relatos sobre a navegação provêm tanto de moradores que usufruíam desta via de transporte ou exerceram algum serviço ligado a ela (corte de madeira, carregador, boiadeiro, etc).

A navegação em si mesma, enquanto uma atividade de trabalho específica, envolveu um grupo de profissionais: os marítimos. São piloteiros, marinheiros e comissários que atuavam nos vapores, balsa, rebocadores e barcaças. Obtivemos descrição sobre o transporte de madeiras, a rotina de trabalho nas embarcações, os saberes práticos e conhecimentos técnicos exigidos na navegação fluvial. Ou até indicam a existência de conflitos étnicos entre os trabalhadores de navegação (portuários negros vindos do Rio de Janeiro ou baianos que trabalhavam no Rio São Francisco) e a população local de tez branca – desde comerciantes até

prestadores de serviços, que dependiam da renda daqueles. Temos as empresas, rotas de transporte intenso, profissionais (marítimos, mecânicos, administrativos). Os pescadores, quando o localizamos no Médio Rio Paraná, eram um conjunto específico de pessoas que viviam da venda do pescado – como atividade complementar à agricultura ou em serviços na cidade. Ou então, aqueles pequenos agricultores pobres que tinham no peixe uma fonte de alimento. São nos marítimos, que atuaram por mais de 60 anos no rio Paraná, que encontramos práticas de trabalho e um saber específico no qual se poderia reconhecer uma tradição e uma cultura material da navegação. E seria equiparável aquele primeiro grupo de relatos sobre o trabalho rural, pois se nele também identificamos uma prática e um saber, conseqüentemente uma tradição e uma cultura material daquele mundo rural.

5. A memória do enchimento do lago da usina

Também se observou que uma memória da ocupação e da construção da barragem nos diversos depoimentos. As análises sobre os depoimentos ainda estão numa etapa inicial - tanto pelo volume, quanto pelas exigências de organização -, mas algumas considerações já podem ser feitas. Até porque, foram coletados relatos em que o rio era quase irrelevante, e outra memória do povoamento surge e da qual o rio Paraná não faz parte (ou pelo menos, não de maneira forte). De modo que as percepções sobre o impacto da construção do reservatório são muitos diferentes entre si, ainda que dentro de uma mesma comunidade.

Mas há muitos outros relatos em que se percebe que uma contabilidade de perdas e ganhos. Em que há os elogios à geração de empregos:

Aconteceu dois fatores importantes nessa questão da usina, da usina hidrelétrica. Primeiro foi geração de emprego, né? Porque aconteceu. E novas oportunidades, então, isso foi importante, muitas pessoas que estavam na agricultura acabou indo pra...indo para as barragem né? (AZEVEDO, 2006)

A fala vem de um ex-funcionário, ligado ao setor de engenharia na construção de usinas como a de Sérgio Motta, Rosana e Taquaruçu. Outros ex-funcionários foram

entrevistados e expressam muitas vezes uma percepção positiva da construção na região – ainda que divergente sobre outros tópicos, como as condições de trabalho.

Mas também as críticas ao impacto na atividade econômica:

O lado de São Paulo praticamente só inundou as várzeas, as várzeas é onde nós da cerâmica tirávamos argila né? Essa áreas foram todas inundadas, tanto em Paulicéia quanto em Panorama, Epitácio, essa áreas baixas inundava bastante mas não foi uma área tão grande quanto o Mato Grosso. Mato Grosso perdeu muita terra né? (TAKAYAMA, 2006)

Lembranças de uma ilha, imagens de praias, comparações entre uma velha casa de tábuas e uma nova de alvenaria: são as evocações sobre um rio Paraná de ontem e hoje. Ainda que as nuances e divergência devam ser melhor estudadas e mesuradas, é perceptível uma relação direta entre a percepção dos entrevistados e o grau de impacto sofrido. Isto é, têm caráter particular os depoimentos tomados nas populações que tiveram que ser removidas, seja para reassentamentos rurais ou urbanos - caso de Nova Porto XV, em Bataguassu (MS). Numa primeira análise destes depoimentos, observamos a ênfase em certos aspectos das lembranças sobre o povoamento, como as condições miseráveis de vida na barranca do rio e o contraste com a contemporânea, no reassentamento. E, apesar das declarações das condições paupérrimas do passado, a lembrança assume caráter saudosista. Assim, nos depoimentos de reassentados, o tempo após o enchimento da barragem é o de perda. A realocação para outras áreas de terra é entendida como perda de circulação:

A gente chegou prisioneiro, né? Porque a gente não tinha a liberdade que tinha, né? Porque lá na barranca, a gente tinha a beira do rio, a gente tinha a praia, né? Tinha tudo. (GOMES, M. C. S., 2006)

É o rompimento de um tipo de vínculo com o rio: de trabalho (navegação, pesca) ou dos afazeres domésticos. “Lavava roupa no rio, lavei muitas vezes roupa no rio, a água limpinha” (GOMES, M. C. S., 2006). A partir do qual se desfaz, de modo irreversível, uma forma de vida que se estruturou tendo o rio como referência de subsistência ou rotina doméstica. Ser retirado da beira do rio, tanto quanto a sua alteração (na extensão, fluidez,

periodicidade). Mudanças na percepção do rio acentuam a distância em relação à condição de vida pretérita.

Consideramos a hipótese de que nestas populações ribeirinhas, constituiu-se uma imagem particular do rio.

Tinha bastanti figuera, tinha é, além de figueras, tinha muitos aquelas, aqueles pés de árvores centenários, os pés de angicos, jatobás né? Maravilhoso, coisa linda, você andava, cê chegava na bera do rio parece que cê tava num paraíso, aquela água branquinha correndo assim sabe? Aquela barrancona grandí cheia de pedra, alguns lugar pedra assim cascalho, otros lugar era areia, você tomava banho, ficava, cê fazia o que cê queria da sua vida, i num quiria nem morrê quando chegava na bera do rio. (SANTOS, R. S. S., 2006)

E o paraíso é o lugar de fartura e pureza: “Sobre a minha infância era um lugar muito rico, assim não rico mais financeiramente, mas tinha mais opção, você é tinha lavouras, que era pra você trabalhá,[...] (SANTOS, C. C., 2006). Esta mesma imagem do paraíso é evocado por outro reassentado: “A beira do rio era limpinha, tinha praia, né? Praia boa” (SANTOS, C. C., 2006).

Apresentam-se duas frentes de pesquisas futuras e análise destas narrativas memorialistas. Primeiro, seria o caso de aprofundar a pesquisa em relação à constituição desta imagem da barranca do rio como lugar paradisíaco. Ainda que a hipótese mais evidente seja a associação com o discurso religioso, deveríamos avaliar se houve e como se teria dado a produção e transmissão deste tipo de discurso na região, além de verificar a interação com outros discursos produzidos nestas comunidades ribeirinhas. Paralelamente, estamos também avaliando a possibilidade de que investigar as imagens associadas ao povoamento – tanto no âmbito das empresas colonizadoras ou na imprensa local. E uma das fontes que podem ser consideradas são as fotos coletadas durante a pesquisa, produzidas pelos próprios entrevistados ou em posse deles; além daquelas identificadas em órgãos públicos locais. Que podem nos dar algumas pistas sobre a formação de uma memória do povoamento e sua possível associação com esta narrativa memorialista dos depoentes.

Uma segunda possibilidade de pesquisa é relativa à formação de uma dimensão moral. Em muitos depoimentos, há a caracterização do teor da perda com o alagamento. Mais do que a perda material ou a perda de um lugar, trata-se uma perda imaterial. A perda, em última instância, é a sensação de um “dano de alma”. O que é impossível de ressarcir, porque parece ser do campo do sentimento:

Eles chegam achando que eles podem tudo, aí eles vem com esse negócio ‘Não, mas gastamos não sei quantos milhões aqui na cidade’. Só que isso não paga, isso tudo o que eu falei para você, tá? Porque sentimento não tem valor, [...] Então não adianta falar: ‘Gastei cento e quarenta milhões aqui’. Você pagou o dano material, mas o dano de alma, o sentimento, você nunca vai pagar. (MAGALHÃES, L. M., 2006)

O que aparece aqui é o confronto entre uma racionalidade contábil (dos responsáveis pelas obras e da negociação com a comunidade) e outra forma de compreender o mundo que o cerca. Até aonde podemos perceber no material visual e nos documentos sobre os antigos loteamentos que deram origem as cidades ribeirinhas, esta outra forma de compreensão parece associada à expansão das fronteiras para o desenvolvimento, à “marcha para o oeste”, em que a natureza é fonte de riqueza. Esta é uma segunda hipótese que pretendemos aprofundar no desdobramento futura desta pesquisa.

De todo modo, foi principalmente nos depoimentos dos reassentados, que as alterações decorrentes da construção da Usina Hidroelétrica Sérgio Mota deixaram marcas na natureza e nas pessoas. Nestes depoimentos, certamente, estabeleceu-se uma marca no tempo: um antes e um depois da construção.

6. Referências

Depoimentos:

AZEVEDO, Valdir Camilo. Depoimento [03/10/2006, Castilho/SP]. Entrevista concedida a Júnia Maria de Santana.

GOMES, Maria Conceição da Silva Gomes. Depoimentos [19/07/2006, Brasilândia / MS]. Entrevista concedida a Lívia Morais Garcia Lima.

MAGALHÃES, Lourival Mendes. Depoimento [12/07/2006, Presidente Epitácio/SP]. Entrevista concedida a Paula Camila Monteiro.

SANTOS, Rodrigo Silva Santos. Depoimento [08/07/2006, Nova Porto XV, em Bataguassu /MS]. Entrevista concedida a Rita de Cássia dos Santos Guimarães.

SANTOS, Claider Custódio dos. Depoimento [17/07/2006 , Nova Guataporanga/SP] . Entrevista concedida a Carolina Silva Castro.

TAKAYAMA, Junhiti. Depoimento [21/07/2006, Paulicéia / SP]. Entrevista concedida a Livia Morais Garcia Lima.

Bibliográficas:

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Os desafios contemporâneos da história oral – 1996**. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, 1997.

VOLDMAN, Daniele. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Pp. 247-265.

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1977. 2 vol.s

CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.